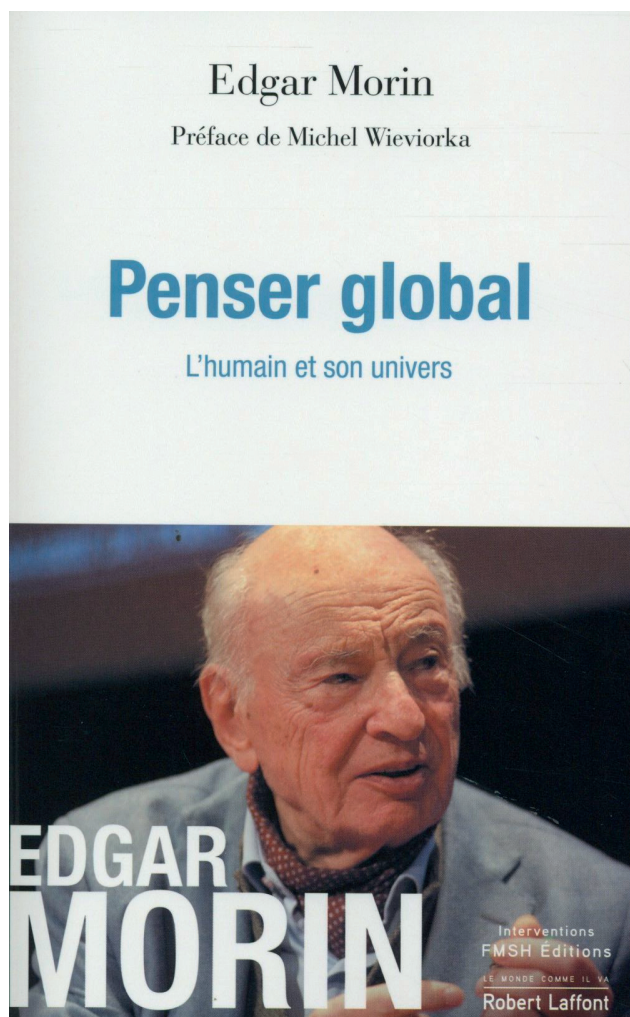


**Morin, E. (2015). *Penser Global*.
Éditions Robert Laffont, S. A. Paris: 134 pp.
JOÃO MANUEL DE LEMOS BAPTISTA¹**



O autor Edgar Morin, na sua obra *Penser Global*, aborda os temas da trindade humana e a bio-socio-antropológica, do indivíduo humano, do surgimento do ser humano, do homem no universo, da era planetária, do futuro (provável e improvável), e, por fim, do pensamento complexo e pensamento global.

Numa primeira parte, discorre sobre a questão do pensamento global como ângulo do universo físico, depois sobre a evolução biológica do homem no contexto do universo e da história, numa perspetiva de salvaguarda da humanidade. Numa segunda parte, explica a globalização, do seu ponto de vista pessoal, focando os seus aspetos positivos e negativos, questionando o futuro que nos oculta, para chegar ao problema básico: o todo e a parte.

==

¹ Doutoramento em Estudos Globais, Universidade Aberta.

De acordo com Morin, a definição do humano é trinitária, porque inclui o indivíduo, a sociedade humana e as espécies humanas. Estamos na presença das três pessoas da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), segundo o cristianismo, em que toda a obra da criação e da graça de Deus é vista como uma única operação das três pessoas divinas, manifestando cada uma o que lhe é próprio na Trindade. «Do ponto de vista social, é certo que um ser humano é um pequeno elemento de uma sociedade. Esta sociedade como um todo está dentro do ser humano desde o nascimento, porque cultura, linguagem, processos, ideias, são introduzidos na mente do pequeno humano, durante o seu desenvolvimento» (p. 12).

Considera o homem, como indivíduo de uma sociedade e como ser biológico, à luz do conjunto dos outros seres vivos que coabitam na superfície terrestre. Segundo Morin, «Somos 100 % indivíduos, mas também somos 100 % membros da espécie humana. Somos produtos de um processo de reprodução da espécie humana, mas somos ao mesmo tempo, produtores, ou seja, somos produzidos e produtores» (p. 13). Refere que a sociedade produz indivíduos adequadamente humanos, facultando-lhes elementos (a linguagem e a cultura), indicando os conceitos de individual, social e biológico, sendo esta trilogia inseparável do homem como um todo. Diz Morin que «fazemos parte do nosso universo físico, biológico e cósmico, enquanto somos distintos pela nossa cultura, pela nossa consciência, pela

dupla identidade biológica e antropológica e também pela nossa dupla identidade antropológica e biocósmica» (p. 22). O homem difere dos outros seres que vivem no mesmo meio biofísico por ser detentor de inteligência, de identidade cultural e social, numa perspectiva transdisciplinar, com procedimentos multidimensionais de ampliação de consciência, numa construção de um ser humano integral, ético, social e cósmico.

Morin explica a passagem do homem de uma sociedade primitiva para uma sociedade humana, referindo que «a nossa história humana emergirá lentamente de um processo de hominização de alguns milhões de anos, que ainda não é muito conhecido, que ainda apresenta muitos problemas e guarda muitos mistérios» (p. 43). Considera a humanidade uma revolução na evolução do homem enquanto indivíduo da sociedade e ser socializante, visto como algo muito profundo, em termos filosóficos e de pensamento holístico, na medida em que pretende compreender os fenómenos na sua totalidade e globalidade.

O potencial antropológico permitiu que as sociedades fossem criadas sob certas condições ecológicas, demográficas e técnicas. A história dessas sociedades do mundo antigo, na Ásia, na Índia, na China, é criativa e destrutiva. As sociedades arcaicas foram agrupadas, integradas, talvez por um dominador que, ao levantar o tributo, inventou o Estado. (p. 56)

As primeiras grandes nações permaneceram estáveis porque criaram uma cultura comum, não apenas com uma linguagem central desenvolvida, mas uma cultura escolar, também com a ideia de país. Uma nação é uma comunidade em que os membros se sentem psicologicamente ligados, mas também uma sociedade em que pode haver relações de competição, conflitos, brigas e até guerra civil. «Existe na história humana um processo que é mais ou menos o mesmo que na história biológica. Aparece um desvio que se consolida e se desenvolve, torna-se uma tendência, e essa tendência torna-se uma força histórica, uma força criativa, uma força decisiva no processo evolutivo» (p. 59).

Ainda segundo o autor,

a primeira globalização é pré-histórica. É a diáspora da espécie conhecida como *Homo Sapiens*, a nossa espécie, talvez da África para todos os continentes e não apenas na Ásia, não apenas nas Américas, mas também nas ilhas da Oceânia e da Austrália. Essa primeira globalização é caracterizada por extrema diversificação. A diversidade não está na estrutura dessas sociedades, que são sociedades de caçadores-coletores, mas nas culturas e idiomas que se separam. A adaptação ao clima, à geografia, determina alimentos, roupas, costumes, mitos singulares. (p. 65)

O mundo teve o seu primeiro período denominado de Pré-História, em que os seres humanos criaram ferramentas de pedra, sendo,

por isso, a tecnologia mais avançada da época, num período designado por Idade da Pedra, em que o essencial era a sociedade e o povo físico a que pertenciam. Ocorreram fenômenos importantes para o ser humano em termos «tecnológicos» (caso do fogo, das ferramentas, da moradia e da roupa), de evolução social, de mudanças climáticas, assim como de evolução econômica, do sistema caçador-coletor até ao sistema parcialmente produtor. Um outro período é o da Idade Média na Europa, que decorre entre o século V e o XV, cujo início está associado à queda do Império Romano do Ocidente e que termina com a transição para a Idade Moderna. Desde o Renascimento, a Idade Média foi caracterizada por um certo obscurantismo, violência, declínio econômico, corrupção moral e agitação política. A partir do Romantismo, no século XIX, o período passou a ser reavaliado, e muitos dos seus aspectos revalorizados. Este espaço temporal foi valorizado pelos intelectuais e artistas, que o consideravam como uma época de espiritualidade, ordem e pureza que os tempos modernos tinham perdido e que era necessário recuperar.

No século XX, assiste-se a duas guerras planetárias, que provocaram efeitos muito nocivos nas sociedades, mas após 1945 surge um novo processo de emancipação dos povos, particularmente nos países colonizados ou semicolonizados, e o neoliberalismo econômico, que atinge o seu auge a partir da década de 80, destacando-se a influência do primeiro-ministro dos EUA, Ronald Reagan, e da pri-

meira-ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher. Nasce, portanto, uma economia de mercado, promovida pelos países capitalistas do Ocidente. Posteriormente, inclui-se o Japão, dando origem à Tríade (EUA, União Europeia e Japão) que domina o mundo em termos comerciais (65 % do comércio mundial). Na década de 90, surgem economias emergentes, denominadas BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), como resultado da circulação de capitais no mundo e do investimento direto estrangeiro, que usufruem do desenvolvimento das telecomunicações, dos transportes e da tecnologia, processo denominado globalização. É no final da década de 80 do século XX que o termo globalização começa a ser mais utilizado, designando não apenas a mundialização da economia, mas também o intercâmbio cultural e a interdependência social e política a nível mundial. Com o fim da Guerra Fria, em 1989 (extinção dos dois blocos que «governavam» o mundo), ocorreram vários factos que contribuíram para a expansão da globalização, designadamente a queda do Muro de Berlim e, consequentemente, a reunificação da Alemanha, e a fragmentação do mundo comunista, com a URSS a desintegrar-se, em 1991, da barreira leste/oeste e a dar origem a vários Estados independentes – Comunidade de Estados Independentes. A desintegração do mundo bipolar provocou o aparecimento de conflitos regionais. Na Europa, os países que compo-
nham a Jugoslávia provocaram o surgimento

de novas fronteiras e de novos Estados (por exemplo, Sérvia, Montenegro, Kosovo, Bósnia e Herzegovina, Macedónia e Eslovénia).

Para Morin, a globalização significa

a extensão e a ampliação de um processo de intercomunicações, interdependências, e essa ampliação cria uma igualdade de natureza global. Há interações permanentes entre as nações incluídas e a realidade global. O global muda o local, mas um evento local, como o ataque às duas torres de Manhattan, afeta a igualdade global. A igualdade global intervém não apenas nos territórios, na economia, na sociologia das nações, mas em cada um de nós individualmente. (p. 68)

Também de acordo com Morin, o processo de globalização apresenta três aspetos inseparáveis: globalização, desenvolvimento e ocidentalização (p. 70). O que parece positivo na globalização é que um certo número de avanços materiais, técnicos, médicos e económicos foi surgindo, embora de forma muito desigual, em todos os países do Norte (ricos) e nos países do Sul (pobres), ou do terceiro mundo. Aparece nas economias emergentes, como a China e o Brasil, uma classe média que segue os padrões ocidentais.

Para Morin,

o que parece negativo na globalização é, antes de tudo, que esse mesmo individualismo pode resultar em egoísmo, e esse egoísmo pode ser ainda mais liberalizado e desencadeado, pois

a ocidentalização causa uma destruição de solidariedades tradicionais. Essa destruição não é apenas a da família extensa, que era um refúgio importante para a ajuda mútua contra a pobreza, com muitos filhos, avós, tios, tias, primos. Havia também redes de solidariedade entre vizinhos, solidariedade espontânea contra infortúnios. Essas solidariedades tendem a deteriorar-se. (p. 71)

Edgar Morin alerta para o fosso acentuado que tende a surgir entre os países ricos, de economia capitalista, e os países pobres, de economia fechada, com dívidas externas elevadas e cujas populações têm muitas carências a nível da educação, da alimentação e da saúde. A economia global também está completamente fora de controlo. Ao contrário do que a maioria dos economistas oficiais previa antes de 2008, a economia pode estar sujeita a sérias crises, cujas consequências desconhecemos (p. 74).

Nesta obra, uma das ideias de Morin é a da consciência muito fraca do risco que prevalece em muitas partes do mundo e que poderá conduzir as sociedades a situações internas imprevisíveis, com consequências dramáticas em termos económicos e sociais. Temos dificuldade em pensar sobre o todo, isto é, sobre a relação entre o todo e as partes, as partes e o todo, as interações, a complexidade. Se o processo continuar, vamos chegar ao desastre (p. 76).

Em relação à unidade na diversidade, também defendida na obra *Penser Global*, Morin refere que

a unidade é o tesouro da diversidade humana, a diversidade é o tesouro da unidade humana e o que deve crescer é uma economia verde, uma economia da saúde, uma economia do bem público, uma economia da solidariedade, uma nova educação. Quanto mais a globalização se desenvolve, mais é necessário, ao mesmo tempo, desglobalizar, ou seja, localizar e territorializar, e devemos salvar territórios inteiros da morte económica, que também é morte biológica. (p. 82)

Quanto às concepções do nosso futuro humano, para o Morin,

a história humana não tem mais nada a inventar porque, com a democracia representativa, encontrou a melhor forma de política para a sociedade e porque, com a economia liberal, encontrou a melhor forma económica. Essa ideia obscurece qualquer progresso que possa surgir no futuro: não haverá nova verdade sociológica, política ou humana (p. 87).

Embora Edgar Morin tenha razão no tocante à história humana, penso que as desigualdades que prevalecem no mundo são tão evidentes que é necessário reinventar um sistema económico e político que promova uma maior equidade entre os países e que proporcione uma globalização da solidariedade, evitando assim que milhões de crianças continuem a morrer nos países do Sul por falta de uma simples vacina e que os ricos se tornem cada vez mais ricos e egoístas.

Olhando para o futuro, Morin destaca que «para o nosso futuro próximo, é necessário estar ciente dos limites do crescimento, mas também dos da mente e, mais particularmente, do nosso instrumento de conhecimento melhor equipado: a racionalidade» (p. 89). Refere ainda que, no entanto, um futuro robótico levanta muitas questões, particularmente éticas. A robotização do trabalho conduz ao desemprego dos homens. O futuro robótico merece ser questionado, porque estamos realmente a entrar na era da inteligência artificial (p. 108). Esta observação tem toda a lógica e sentido, visto que a tecnologia está a evoluir de forma tão acelerada que, no futuro, os robôs vão substituir o homem na maior parte dos trabalhos que hoje este ainda desenvolve. Nesta perspetiva, estamos perante uma desvantagem da própria globalização.

Quanto ao pensamento complexo e pensamento global, defendido por Morin (p. 113), verifica-se que é uma visão real do mundo em que vivemos, onde o conhecimento de um todo requer o conhecimento não apenas dos elementos que o compõem, mas também das ações e *feedbacks* que existem constantemente entre as partes e o todo. O objetivo do pensamento complexo não é destruir a incerteza, mas identificá-la, reconhecê-la, evitar a crença numa verdade total. Uma ideia muito importante, específica para o conhecimento

complexo, é que parte do facto de que todo o conhecimento é em si uma tradução seguida de uma reconstrução (p. 124).

Ao referir-se ao conhecimento do conhecimento, Morin talvez pretenda expressar que as representações abstratas que cada um possui sobre uma dada realidade são variáveis entre as pessoas de cada tipo de sociedade, visto que há uma enorme heterogeneidade de sociedades no mundo, em resultado das assimetrias existentes entre os países do Norte e os do Sul.

Devemos abandonar uma racionalidade fechada, incapaz de compreender o que escapa à lógica clássica, incapaz de entender o que a agita, a fim de nos dedicarmos a uma racionalidade aberta, conhecendo os seus limites e cientes do irracionalizável. Devemos lutar sem luta, para não acreditarmos nas ilusões que assumirão a solidez de uma crença mitológica. Estamos neste mundo global, confrontando-nos com as dificuldades do pensamento global, que são as mesmas dificuldades do pensamento complexo. (p. 128)

Como síntese, constata-se que Edgar Morin pretende ultrapassar a visão redutora e simplista que muitos estudiosos têm sobre o homem e o mundo, que é dominado pelo pensamento ocidental há vários séculos e que tem contribuído para o aumento das desigualdades no mundo.